

# Representações da Antiguidade Clássica e o processo de nomeação de sexualidades divergentes no século XIX (1850-1900)

*Daniel Vital Silva Duarte*

Universidade Federal da Bahia  
Salvador - Bahia - Brasil  
danielvssilva@gmail.com

---

**Resumo:** A Antiguidade Clássica e a mitologia greco-romana foram referências recorrentes em livros, periódicos e outros documentos no século XIX que circularam em cidades brasileiras e portuguesas. A partir de suas personagens e episódios famosos, criavam-se analogias verossímeis que justificassem o que era considerado virtuoso ou socialmente adequado. Nesta nota de pesquisa, pretendo analisar alguns exemplos deste uso da história, apontando o seu papel na nomeação de relações erótico-afetivas entre homens antes do surgimento de termos como 'homossexual', 'homossexualismo' e 'homossexualidade'.

**Palavras-chave:** Antiguidade clássica. Sexualidade. Literatura.

---

## Introdução: Nós, reminiscentes!<sup>1</sup>

A Antiguidade Clássica e a mitologia greco-romana foram referências recorrentes em livros, periódicos e outros documentos no século XIX. A partir de suas personagens e episódios famosos, criavam-se analogias verossímeis que justificassem o que era considerado virtuoso ou socialmente adequado. Reinhart Koselleck (2006), em sua obra *Futuro Passado* dedicou um capítulo para o funcionamento da história como fonte de exemplos úteis. A história mestra da vida pode ser entendida da seguinte forma:

[...] [a história] seria um cadinho contendo múltiplas experiências alheias, dos quais nos apropriamos com um objetivo pedagógico; ou, nas palavras de um dos antigos, a história deixa-nos livres para repetir sucessos do passado em vez de incorrer, no presente, nos erros antigos. Assim, ao longo de dois mil anos a história teve o papel de uma escola, na qual se podia aprender a ser sábio e prudente sem incorrer em grandes erros (KOSELLECK, 2006, p. 42).

---

<sup>1</sup> Agradeço a CAPES pela bolsa sanduíche entre os meses de novembro de 2018 e abril de 2019, que viabilizou esta pesquisa. Uma versão muito breve deste texto foi apresentada em 2019, III Simpósio Internacional História, Cultura e Relações de Poder - Revoluções no Mundo Lusófono, rupturas e permanências em abril de 2019, na cidade de Lisboa/Portugal.

Embora argumente que há uma passagem gradual do uso desta forma de interpretação para o modelo metódico no século XIX, na qual o papel de exemplo é menos importante, nos documentos baianos e brasileiros encontramos ainda o funcionamento desta lógica. No *Compendio de Historia Universal*, adotado pelo Colégio Pedro II ao longo do curso preparatório para as faculdades, afirmava-se que o homem, ente moral e intelectual “herda elle todo o passado” e “aprende na sorte dos que o precederam” para “modificar a condição dos que lhe succederam” (ROCHA, 1860, p. 1). Também os acadêmicos da Faculdade de Medicina da Bahia, em 1849, consideram que esse estudo, em especial dos gregos e romanos, era de especial importância para ambos os sexos. Ao comentar alguns aspectos das Cartas para Educação de Cora, escritas pelo médico baiano Lino Coutinho para a filha, escreveram: “O Dr. Lino Coutinho aconselha o estudo da história dos Gregos e dos Romanos. Si Plutarcho, Tito Livio e Tacito devem ser vedados, porque todos os mestres tanto recommendam aos meninos o estudo d'estas Obras?” (ALGUMAS palavras, 1849, p. 118).

O preceito da história mestra da vida, pois, presidiu a forma como outras temporalidades históricas foram apropriadas e tornadas congruentes entre si. A partir dela encontravam-se modelos de nação e de pátria possíveis para uma sociedade imperial em processo de consolidação. A presença de colunas, edifícios neoclássicos dotados de frontões, arcos triunfais eretos em comemorações patrióticas durante a primeira metade do século XIX ilustram a constituição de padrões e valores compartilhados que, dentre várias referências, retirou elementos da antiguidade clássica, sua história e mitologia. Mas tal operação não pode ser compreendida como simples repetição; era, efetivamente, uma apropriação criativa de episódios e personagens úteis à sociedade do período de forma a criar a forma mais honrada, mais positiva de ser e existir.

No periódico carioca *O Espelho* foram descritos detalhadamente os festejos que se seguiram à aclamação de D. Pedro I como Imperador Constitucional e Perpétuo Defensor do Brasil. Vários arcos comemorativos foram erigidos por toda a cidade do Rio de Janeiro, e dedicados ao gênio brasileiro, ao comércio, ao amor conjugal, à prosperidade do país e, naturalmente, ao imperador. Um deles foi erguido pelos empregados do arsenal do exército e pelos militares. A obra era formada por colunas da ordem dórica e possuía elementos simbólicos que evocavam a profissão das armas: os militares escolheram Marte e Hércules, divindades romanas marciais, como patronos, enquanto os trabalhadores do arsenal tinham a companhia da sábia deusa da estratégia militar

Minerva, e do engenhoso Vulcano<sup>2</sup>. A simbologia greco-romana estava presente no que era por certo uma das principais efemérides do novo país, evocando tanto as profissões quanto aquilo que era considerado mais digno, mais positivo de ser representado para celebrar o império. Mas os versos esculpidos na coluna eram ainda mais exemplares:

Se sou grande não posso ser pequeno  
Se tenho forças, sou com ellas forte  
Se sou livre, não quero ser escravo  
(Grita o Brasil) Independencia ou morte.

No momento em que o Povo Brasileiro  
Vê sua Independencia sustentada  
Renasce hum dia parecido àquelle  
Que ao sorriso de hum Deos sahio do Nada

Assim a agricultura mais se excita  
Cresce a plebe no campo e na Cidade  
E a turba inutil, que corrompe a terra  
Ou se deixa emendada, ou se desterra.

Dá-nos, Ceo, o IMPERADOR perfeito,  
Congresso em breve nos dará facundo<sup>3</sup>,  
Paz, Justiça, abundante e firme peito  
Isto nos basta a nós e nosso mundo

Temos Patria; e que Patria? o Imperio Novo,  
Assim do Grão Brasil vozeia o Povo  
Filha Augusta dos Cezares já hoje,  
Mãi dos Cezares do Brasil exulta

PEDRO O GRANDE do Brasil o nó desata  
Povos escravos torna já Senhores  
Com ellas assim desde o Amazonas ao Prata  
Serão dadas na terra leis melhores (COROAÇÃO, 1822, p.34)<sup>4</sup>.

Ao evocar a imagem da independência ou morte, ela está colocada numa situação de escolha entre pequenez e grandeza, associadas, respectivamente a escravidão e a liberdade. Não é uma figura narrativa: O Brasil, com efeito, nascia em 1822 como um Estado independente, mas duramente ameaçado por Portugal que parecia decidido a manter a Bahia, o Maranhão e Grão-Pará e Piauí sob seu controle. O “novo estado de coisas”, independente, foi associado à ordem e à fortuna. Afinal, a agricultura se excita,

<sup>2</sup> Poder-se-ia entender a escolha das colunas dentro da mesma lógica. Afinal, Esparta, a referência grega em termos militares, estava associada à cultura dórica, enquanto Atenas e Corinto eram de extrato jônico. Mas, além disso, é lícito supor que a escolha das divindades patronas, estas sim com terminologia romana, seja significativa. Marte e Hércules são associados ao combate direto na frente de batalha. Hércules também é recordado pelas proezas físicas dos seus doze trabalhos. Já Minerva estava relacionada com o conflito por ser deusa da estratégia militar. Vulcano, por fim, representa a metalurgia. De sua lavra são o escudo e armadura de Aquiles na guerra de Tróia. Os militares e trabalhadores do arsenal tinham seus talentos na mais alta conta.

<sup>3</sup> Facundo, ou seja, eloquente, que inspira eloquência (PINTO, 1832, [s. p.]).

<sup>4</sup> Grafia em caixa-alta, conforme original.

isso é, desperta, produzindo riquezas. O povo na cidade e no campo também cresce na mesma medida em que a “turba inútil”, provavelmente os portugueses, optariam por se tornarem brasileiros, “se emendarem” ou por irem embora do país. O imperador, por seu turno, é evocado como uma figura que desata os nós – simbolicamente que corta amarras, laços que prendem a uma situação análoga à escravidão. Acima de tudo, o império novo foi descrito como dotado de um futuro certo, brilhante, assegurado porque seria mãe dos césares do Brasil, ao mesmo tempo em que já figurava como “filha Augusta de Cezares já hoje”. Assim, D. Pedro I era simultaneamente depositário das tradições dinásticas – apesar dos conflitos com Portugal, se recorria ao legado lusitano depurado do seu caráter negativo – e um soberano legítimo, presente dos céus para o grande Brasil. A história, aqui, funciona como uma espécie de banco de elementos simbólicos no qual o império brasileiro bebeu para compor o quadro político de sua época, criando as analogias possíveis.

Tal racionalidade se repetiu ao longo do reinado de D. Pedro II. Em 1840, no dia 08 de janeiro, o jornal *Correio Mercantil* trouxe dois poemas comemorativos com data de 02 de dezembro do mês anterior, aniversário do imperador. No primeiro, o jovem monarca de 14 anos é invocado como um “filho da América” que não manteria para com sua nação e seus compatriotas nada do “preconceito europeu”; ao contrário do pai, queria-se com ele que fosse “mais brasileiro do que monarca”, sem se deslumbrar com os encantos do poder. Pedia-se que o imperador protegesse as leis do império com seu “braço hercúleo”, bem como era de se esperar que a indústria e o comércio, sob seu cetro sábio, frutificassem. No mesmo periódico, foi saudado como aquele que teria o sangue de nobres ancestrais que se lançaram na empresa da colonização da Ásia e da Índia, mostrando-se que, se não era desejável prescindir totalmente do passado, ao menos era necessário colocá-lo em função de aspirações presentes: paz e prosperidade com o reinado próximo de Pedro II, em um contexto nos qual as revoltas eram uma ameaça presente para a integridade nacional. Em números anteriores, o mesmo periódico relatava, não sem alguma apreensão, notícias sobre o conflito com os farrapos no sul do Império, via cartas recebidas com notícias do Rio Grande do Sul (CORREIO MERCANTIL, 1839, p. 1). Para pai e filho, a recorrência a uma ascendência ilustre e aos antigos parecia palmilhar o caminho para a legitimação. Neste sentido, parece que todos os elementos simbólicos úteis são mobilizados no sentido de marcar claramente o lugar da monarquia no vértice da hierarquia nacional.

## Vício, virtude, e exemplaridade em negativo

Mas, na mesma operação, tornou-se possível nomear o considerado abjeto e perigoso para a construção da nação brasileira. Se existia a virtude de bons soberanos romanos, como Numa Pompílio ou Tito Flávio (MAGALHÃES, 1840), nos quais os monarcas brasileiros deveriam se mirar, havia igualmente a dimensão negativa: os exemplos viciosos. No mesmo sentido parecem ir as referências a episódios e personagens da mitologia no processo de delimitar condutas permitidas e proibidas. Haveria um rol de referências indesejáveis formado por personagens da antiguidade e episódios mitológicos que envolviam como marcador da infâmia o erotismo e afeto entre homens. Na dissertação de mestrado *A Captura do Prazer*, Daniel Silva (2015) apontou o uso constante de exemplos tirados da antiguidade greco-romana e da mitologia para refletir acerca de sexualidades dissidentes em teses médicas da Faculdade de Medicina da Bahia. Nesse sentido, Lisboa, Rio de Janeiro e a Cidade da Bahia possuem referências compartilhadas, as quais convém pontuar, pois servem de itinerário para compreender a operação de produção/abjetivação de sexualidades dissidentes a partir de tais referências – num contexto que antecede, inclusive, a formulação da ideia de homossexual e homossexualidade (FOUCAULT, 2017).

Em 1864, o livro de poemas eróticos para diversão da mocidade intitulado *Álbum da Rapaziada*, do engenheiro Francisco Moniz Barreto, ofereceu um panorama pouco positivo do erotismo e afeto entre homens, praticado pelos fanchonos:

O MESMO [Plutão] E UM FANCHONO  
SONETO

**Plutão** - O que busca por cá, senhor fanchono?

Acaso de algum puto vem ao cheiro?

Ou também quer comer-me, sô brejeiro,

A mim que sou desta morada o dono?

**Fanch** - Não senhor; venho aqui dormir meu sono...

**Plutão** - O quê? Dormir, patife?! Travesseiro

E colchão dar-te-ei, mas num braseiro,

Que é a cama dos réus de leso-cono.

Leva daqui, Megera, este birbante;

Tu e as tuas irmãs, com fúria brava,

Pena lhe inflijam, que ao meu reino espante:

Na boca, que mulheres não beijava,

Mijem-lhe todas três, de instante a instante,

De chumbo derretido ardente lava (BARRETO, 1864, [s.p.] *apud*

PELLEGRINI, 2008, p. 206-7)<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Trata-se de um livro raro, segundo Leônidas Pellegrini (2008) que estudou pormenorizadamente e reproduziu a obra nos anexos de sua dissertação de mestrado. Para o autor, o objetivo de Barreto com o livro era ganhar dinheiro; a obra, contudo, gerou problemas e não lucros para seu autor, que foi

Nesse inferno revisitado, destinado a fazer rir os jovens leitores no período, Barreto apresentou o marcador social negativo sobre o erotismo e afeto entre homens: a estes fanchonos mortos, o destino era o Hades, governado por Plutão e repleto de torturas dolorosas e infinitas. Os homens de letras que realizavam esta operação de nomeação partiam de um conjunto de significados compartilhados por editores e leitores de periódicos no século XIX, ancorando em saberes prévios as menções ao erotismo e afeto entre homens. Pode-se inferir, pois, o consenso social negativo sobre o tema. Trata-se de um fenômeno análogo daquilo que François Hartog chamou de problema da retórica da alteridade, no qual um narrador necessita traduzir o que pretende contar aos seus leitores/ouvintes:

A partir da relação fundamental que a diferença significativa instaura entre os dois conjuntos, pode-se desenvolver uma retórica da alteridade própria das narrativas que falam sobretudo do outro, especificamente as narrativas de viagem em sentido amplo. Um narrador, pertencente ao grupo a, contará b às pessoas de a; há um mundo em que se conta e o mundo que se conta. Como, de modo persuasivo, inscrever o mundo que se conta no mundo em que se conta? Esse é o problema do narrador. Ele confronta-se com um problema de tradução (HARTOG, 1999, p. 228).

Tal uso da antiguidade como tradução também esteve presente no Rio de Janeiro e na Lisboa finissecular, em obras que causaram escândalo na sociedade e eram caracterizadas por recorrer simultaneamente quer a categorias médico-científicas, quer ao repertório da antiguidade clássica como estratégia para explicitar o consenso social sobre o erotismo e afeto entre homens. Em 1895, na obra *Bom-Crioulo*, Adolfo Caminha (2014) apresenta ao leitor as consequências de um relacionamento entre dois homens, o marinheiro e ex-escravizado Amaro. Nascido na moral e higienicamente deficiente zona portuária do Rio de Janeiro, este amor estava forçosamente fadado a um desfecho trágico e violento, quando o jovem grumete se apaixona por uma mulher e abandona o amante. Este, louco de paixão, mata-o em seguida. Curiosa era a descrição de Amaro, comparado em força e vigor corpóreo a Hércules, exemplo de masculinidade fisicamente dominadora e que se dispunha a proteger Aleixo do Rio de Janeiro, “terra dos diabos” (CAMINHA, 2014, p. 79); já Aleixo evocava outras figuras da mitologia greco-romana:

Belo modelo de efebo que a Grécia de Vênus talvez imortalizasse em estrofes de ouro límpido e estátuas duma escultura sensual e pujante. Sodoma ressurgia agora numa triste e desolada baiúca da Rua da Misericórdia, onde

---

denunciado por um promotor público em Salvador. Ainda assim, o livro alcançou sucesso significativo na Cidade da Bahia: no final do século XIX, o Pequeno Jornal publicou um poema satírico onde o *Álbum da Rapaziada* aparecia como referência para as condutas imorais dos políticos nas eleições de 1892.

àquela hora tudo permanecia numa doce quietação de ermo longínquo (CAMINHA, 2014, p. 127-8).

Nesta obra, raça e homossexualidade foram conjugadas como explicação do desfecho trágico. Por um lado, a inconstância do efebo para com seu protetor, típica dos de comportamento pouco viril, não foi retratada sob luz positiva, mesmo que a traição seja em benefício de uma mulher (CAMINHA, 2014, p. 144); por outro, Amaro foi retratado como bruto, violento, capaz de ímpetos medonhos, caracterização próxima da imagem do ex-escravizado perigoso para a sociedade (SCHWARCZ, 2014, p. 26-7). Um itinerário com similaridades está presente na obra do Barão de Lavos, de Abel Botelho, cuja primeira edição veio a lume em 1891 com segunda edição corrigida em 1898. Tinha por trama a relação entre o aristocrata Sebastião e um trabalhador pobre, Eugênio – também loiro e de olhos azuis. O jovem aceita as investidas do barão em troca de dinheiro e da possibilidade de ocupar um lugar na sociedade elegante lisboeta. Inserido na casa do aristocrata, tornou-se pivô de conflitos entre o barão e sua esposa, a rica Elvira, de quem Eugênio terminou por se tornar amante. O barão, porém, foi apresentado na narrativa como exemplo mais negativo do que o casal de amantes que o traiu. Afinal era um pederasta, o fruto danado de uma ascendência que teria se degenerado:

O atavismo fez explodir n'este [no barão] com rabida energia todos os vícios constitucionaes que bacillavam no sangue de sua raça, exaggerados n'uma confluencia de seis gerações, d'envolta com instinctos doidos de pederasta, inoculados e progressivamente aggravados na sociedade portuguesa pelo modalismo ethnologico da sua formação. A inversão sexual do amor, o culto dos ephebos, a preferência dada sobre a mulher aos bellos adolescentes veionos com a colonização grega e romana (BOTELHO, 1898, p. 30).

Não é ocioso observar, novamente, a recorrência a um repertório da antiguidade clássica em termos como culto dos ephebos, que tanto satisfaziam o Barão e Amaro<sup>6</sup>. O primeiro, além disso, devia seu vício ao excesso de gosto pela arte, principalmente culturas e esculturas datadas do período clássico, que fascinavam a mente de d. Sebastião, sobretudo aquelas que retratavam as duplas de amantes históricas e mitológicas, como o imperador romano Adriano e o jovem Antínoo; e Ganimedes, príncipe troiano que foi raptado e se tornou amante de Zeus e copeiro deste no Olimpo, suplantando Hebe, deusa da juventude (DYNES, 1990). Este último episódio é particularmente querido para o

---

<sup>6</sup> O termo “ephebo” descrevia homens muito jovens até o limite de 21 anos. Era o período da vida onde se davam as relações pederásticas em cidades gregas como Atenas e Corinto, nas quais o parceiro mais novo desempenhava o papel de parceiro passivo na relação. Igualmente, este termo foi utilizado na literatura para descrever colegas de folgedos e amantes de divindades como Apolo ou mesmo Zeus (JOHANSSON, 1990, p. 959-963; DONALDSON, 1990, p. 361-3).

Barão de Lavos; na juventude, havia se deleitado com a pintura do episódio feita por Rubens e por outros pintores famosos, e na maturidade chegou ao extremo de pendurar no seu gabinete uma reprodução do rapto pintada por Coryn Boel (BOTELHO, 1898, p. 37-8 e 179). Este último exemplo era especialmente importante na trama da obra porque Eugénio teria passado a compreender melhor os desejos de d. Sebastião depois de ver o quadro.

Novamente, esta analogia permite supor a presença de um conjunto de significados compartilhados que podem fugir ao leitor que desconhece estes episódios, mas que são enunciadas no texto devido ao domínio conjunto de leitores e escritores contemporâneos entre si dos mesmos conteúdos negativos sobre o erotismo e afeto entre homens. Em certa medida, como a homossexualidade estava alocada como um interdito para os modelos de masculinidade predominantes no âmbito da sociedade oitocentista, houve o processo mais ou menos simultâneo da produção de comportamentos considerados positivos e honrados e de negativos e desonrados. Kimmel, tratando da sociedade norte-americana no mesmo período, anotou processo similar da produção de masculinidades que chamou hegemônicas e subalternas, contrapondo o *self-made man* viril ao aristocrata decadente e efeminado (KIMMEL, 1998, p.110-3). Ora, nos documentos analisados acima, existiu a produção de repertórios possíveis distintos e aplicáveis a cada caso, em função da exemplaridade positiva ou negativa do evento ou personagem representados.

Também cabe destacar a recorrência a termos médico-legais, como atavismo, peça chave no pensamento de Cesare Lombroso que esteve em voga tanto na Europa do período, como no Brasil, especialmente nas obras de Raymundo Nina Rodrigues, médico e professor da Faculdade de Medicina da Bahia. Por meio deste termo se identificariam um indivíduo ou grupo social predispostos a apresentar a reparaçãõ de características de um ancestral inferior na escala da evoluçãõ, identificável por estigmas da degeneraçãõ – aspectos anômalos, sobretudo de ordem anatômica (COSTA, 1997, p. 64). Se em Lisboa o atavismo estava diretamente ligado a sexualidade como principal estigma de um mundo aristocrático e decadente desvelado pela ciência, no Brasil a degeneraçãõ se revestiu de um evidente componente racial: foi por ser negro e ex-escravizado que Bom-Crioulo estava predisposto a realizar a contradiçãõ contra a natureza e a ter reações violentas (MISKOLCI, 2013, p. 66-80). A herançã africana e mestiça seria, para os defensores desta concepçãõ, o terreno fértil do atavismo, dentro da apropriaçãõ brasileira sobre as teorias de inspiraçãõ lombrosiana. O uso desta categoria em cada contexto



indica a complexidade do processo de apropriação criativa realizado pelos autores destes textos em função dos dilemas e necessidades em cada local, usando e articulando um repertório quer científico, quer oriundo da antiguidade clássica, simultaneamente. Na ausência de termos unificadores, tal mosaico de referências permitira elaborar e definir limites entre o normal e o anormal no campo do sexo.

### Considerações finais

A partir destas reflexões, as referências literárias estudadas permitem compreender certas peculiaridades. Primeiro, que havia uma forma distinta de explicar o real e de dar a ver o possível naquele período, mobilizando para tal a antiguidade clássica; segundo, o papel desta como fonte de analogias relevantes e explicadoras de condutas quer positivas quer negativas, inclusive em termos sexuais. Um uso, pois, do passado como ferramenta de tradução daquilo que causava riso, preocupação e escândalo, e cuja aplicação, articulada com contextos locais, permitiu produzir saberes sobre este tema, e reiterar relações de poder hierárquicas e formas de subjetividades consideradas abjetas, indesejáveis e que era preciso de alguma forma combater.

Em segundo lugar, o campo da historiografia vem refletindo extensamente acerca do papel das ciências naturais, da antropologia, da medicina e do direito na formatação de hierarquias sociais no corpo da ordem senhorial e oligárquica ao longo do século XIX e do XX; é indispensável, contudo, que este exercício se dê no próprio campo da história, tanto quanto de outras áreas do saber, como lembrou o historiador Wellington Oliveira: “Falamos muito da biomedicina, das mídias, das tecnologias de produção de corpos pós segunda guerra mundial. Mas, esquecemos de incluir a sociologia, a antropologia, a filosofia e a História. Qual o nosso papel dentro disso?” (MACHADO, 2019, s.p.). Mas este é tema para outras reflexões.

### Referências

ALGUMAS palavras acerca das cartas para educação de Cora. *O Atheneo*, Periódico Científico e Litterario. Bahia: Typografia Liberal do Século, t, 1, n. 6, 1849.

BARRETO, F.M. 1864. *Álbum da rapaziada*. Eróticos feitos e, na maior parte, improvisados por B.M.F. Disponível em: <<https://goo.gl/4kL9Wc>>. Acesso em: 22/03/2017.

- BOTELHO, A. 1898. **O Barão de Lavos**. 2. ed. Porto: Chadron. 468 p. (Coleção Pathologia Social).
- CAMINHA, A. 2014. **Bom-Crioulo**. Cotia-SP, Ateliê Editorial, 2014. 226 p.
- CORREIO MERCANTIL. **Noticias de S. Paulo**. Bahia. Typografia do Correio Mercantil, a. VI, n. 203, 25 de set. de 1839.
- COROAÇÃO do Sr. D. Pedro I. **O Espelho**. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, n. 96 18 de outubro de 1822.
- COSTA, I. S. 1997. **A Bahia já deu régua e compasso: o saber médico-legal e a questão racial na Bahia, 1890-1940**. Salvador, BA. Dissertação (Mestrado). UFBA, 331 p.
- DONALDSON, S. **Ephhebophilia**. in: Encyclopedia of homosexuality. [1990]. Disponível em: <https://bit.ly/3heDkL2>. Acesso em: 14 set. 2018<sup>7</sup>.
- DYNES, Wayne R. **Ganymede**. in: Encyclopedia of homosexuality. [1990]. <https://bit.ly/3lduoGZ>. Acesso em: 26 set. 2019<sup>8</sup>.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I. A vontade de saber**. 4ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- HARTOG, F. 1999. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte, MG. Editora UFMG. 481 p.
- JOHANSSON, W. **Pederasty**. Encyclopedia of homosexuality. [1990] Disponível em: <https://bit.ly/3AaBphG>. Acesso em: 04 ago. 2018<sup>9</sup>.
- KIMMEL, M. S. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas**. Disponível em: <https://bit.ly/3hgRs6v>. Acesso em: 04 set. 2018.
- KOSELLECK, R. 2006. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006. 366 p.
- MACHADO, W. **[Uso da história]**. WhatsApp: Rede de Historiadorxs LGBTQI+. 29 jul. 2020, 22:25. 1 mensagem de WhatsApp.
- MAGALHÃES, D.J.G. **A sua M. Im o Sr. D. Pedro segundo, no faustissimo dia 2 de dezembro, aniversario do seu glorioso natalicio**. Bahia, Typografia do Correio Mercantil, n 5, a. 7, 8 de jan. de 1840.
- MENDES, M. O. **Versos que A S.M. I. ofereceo hontem o Sr. M. Odorico Mendes, pelo seu aniversario natalicio**. Bahia, Typografia do Correio Mercantil, n 5, a. VII, 8 de jan. de 1840.
- MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação**. São Paulo: Annablume, 2013. 135 p.

<sup>7</sup> Originalmente publicado na Encyclopedia of Homosexuality em 1990, pela Garland Publishing, e disponibilizado na wiki do coautor William A. Percy

<sup>8</sup> Originalmente publicado na Encyclopedia of Homosexuality em 1990, pela Garland Publishing, e disponibilizado na wiki do coautor William A. Percy

<sup>9</sup> Originalmente publicado na Encyclopedia of Homosexuality em 1990, pela Garland Publishing, e disponibilizado na wiki do coautor William A. Percy.

PELLEGRINI, L. 2008. **Álbum da rapaziada**: o humor obsceno de Francisco Moniz Barreto. Campinas, SP. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 261 p.

PINTO, L. M. S. **Diccionario da Lingua Brasileira**. Na Typographia de Silva, 1832.

ROCHA, Justiniano José da. **Compendio de História Universal**: História Antiga. Rio de Janeiro: Typ. do Regenerador, 1860 (volume 1).

SCHWARCZ, L. M. 2014. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo, SP, Companhia das Letras, 2014.

SILVA, Daniel Vital dos Santos. **A Captura do Prazer**: Homossexualidade Masculina e Saber Médico na Bahia do século XIX (1850-1900). 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal da Bahia, 2015.

---

#### SOBRE O AUTOR

**Daniel Vital Silva Duarte** é doutorando em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

---

Recebido em 09/09/2021

Aceito em 01/02/2022